

A coocorrência de elementos modais em obras de autoajuda dirigidas a mulheres

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2280>

Sandra Denise Gasparini-Bastos¹

Anna Flora Brunelli²

Resumo

Considerando a modalidade como uma forma de manifestação da atitude do enunciador frente ao enunciado produzido, este trabalho propõe-se a analisar, dentro de uma abordagem funcionalista da linguagem, os efeitos de sentido produzidos pela coocorrência de elementos modalizadores em obras de autoajuda dirigidas às mulheres com o objetivo de verificar em que medida os valores iguais ou diferentes desses elementos contribuem para reforçar ou atenuar um determinado efeito de sentido relativo ao tom do discurso. Para o levantamento e análise dos modalizadores, partimos da classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), adotando quatro dos valores modais propostos pelo autor: modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade epistêmica. Os resultados da análise evidenciam os efeitos de sentido que surgem justamente da combinatória dos elementos modais, revelando ora um tom de certeza, ora um tom de autoridade na caracterização desse tipo de discurso.

Palavras-chave: modalidade; coocorrência modal; discurso de autoajuda.

1 Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; sandra.gasparini@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5968-8450>

2 Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; anna.brunelli@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-4981-3291>

The co-occurrence of modal elements present in self-help books directed to women

Abstract

Considering the modality as a form of manifestation of the attitude of the enunciator in regards of the produced utterance, this work proposes to analyze, within a functionalist approach of the language, the effects of sense produced by the co-occurrence of modals elements found in self-help books directed to women to verify to what extent the equal or different values of these elements contribute to reinforce or attenuate a certain effect of sense in relation to the tone of the discourse. For the survey and analysis of the modalizers, we start with the classification of modality proposed by Hengeveld (2004), adopting four of the modal values proposed by the author: facultative modality, deontic modality, volitional modality and epistemic modality. The results of the analysis show the effects of sense that arise precisely from the combinatorial of the modal elements, revealing sometimes a tone of certainty, sometimes a tone of authority in the characterization of this type of discourse.

Keywords: modality; modal co-occurrence; self-help discourse.

Introdução

De uma maneira geral, a modalidade tem sido definida como a expressão de atitude do enunciador frente ao enunciado produzido. Neves (1996) apresenta algumas formas lexicais de expressão das modalidades, como verbos modais (auxiliares e plenos), advérbios, adjetivos em posição predicativa e substantivos. Além dessas formas, a autora cita recursos que podem aparecer associados a elementos modalizadores, como a entonação, o tempo e o modo verbal, a unipessoalização, entre outros.

Enquanto manifestação de atitude, as modalidades são facilmente encontradas nas línguas naturais, em contextos reais de emprego da língua. Por essa razão, a investigação das modalidades encontra respaldo dentro da abordagem teórica funcionalista, que investiga os fenômenos linguísticos em situações efetivas de comunicação. Além disso, ressalta-se a abrangência de uma análise de natureza funcionalista, visto que os níveis pragmático, semântico e sintático são tratados de maneira integrada.

Dentre os vários contextos possíveis que favorecem o emprego de elementos modais, optamos por analisar obras de autoajuda em língua portuguesa. Como já apontado por Brunelli (2004), em trabalho que segue o arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, o discurso da autoajuda tem se mostrado um terreno fértil para a manifestação de modalidades. Ao mesmo tempo, as obras de autoajuda representam uma vasta porção do mercado editorial, sempre crescente, e com tendências a alcançar um público cada vez mais específico, o que leva a uma expansão da tradicional

autoajuda de caráter geral, relacionada a finanças e a mercado de trabalho. Assim, podemos encontrar, na atualidade, obras de autoajuda dirigidas aos adolescentes, às mulheres, à terceira idade, aos enfermos, etc.

Reconhecendo a importância que o estudo das modalidades tem para as línguas naturais, este trabalho volta-se especialmente para a análise da coocorrência de elementos modalizadores de natureza lexical presentes em seis diferentes obras de autoajuda dirigidas a mulheres, com temáticas variadas, como relacionamentos, casamento, família e trabalho. Nosso objetivo é verificar o efeito de sentido que tais elementos, quando combinados, provocam nos contextos em que estão inseridos. O corpus organizado constitui-se das seguintes obras:

- ABRÃO, S. *Abaixo a mulher capacho*. Barueri: Manole, 2009.
- ALVES, A. *O que eu preciso saber: para ser uma mulher poderosa*. São Paulo: Editoria Lio, 2011.
- BLANCO, S. *Mulher inteligente valoriza o dinheiro, pensa no futuro e investe*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- CARTER, S.; SOKOL, J. *O que toda mulher inteligente deve saber: como lidar com os homens com sabedoria e conseguir o amor que você merece*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- CASSIM, P. *Como reconquistar seu ex: entenda o que deu errado na relação, dê a volta por cima e recupere seu grande amor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- FRANKEL, L. P. *Mulheres boazinhas não enriquecem*. São Paulo: Editora Gente, 2006.

Por ser um trabalho de natureza qualitativa e não quantitativa, as amostras são selecionadas aleatoriamente das obras que integram o corpus, de forma a ilustrar as possibilidades combinatórias levantadas na análise, sem propriamente informar a frequência do emprego de um ou outro elemento modalizador.

Caracterização e classificação das modalidades

Quirk *et al.* (1985) definem modalidade, de uma maneira genérica, como o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado, refletindo, assim, o julgamento do enunciador sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição que ele expressa. Para Coracini (1991, p. 113), “[...] a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere”.

A partir dessas definições, destacamos dois elementos que julgamos cruciais na categorização da modalidade: a marca de atitude do enunciador e a presença da subjetividade.

Com relação à atitude do enunciador, consideramos a modalidade em conformidade com Neves (1996), como parte da atividade ilocucionária, sendo os atos ilocucionários motivados pela produção e pelo reconhecimento dos propósitos do enunciador. Dessa forma, a classificação das modalidades requer a recorrência às informações contextuais, isto é, à pragmática, já que, na produção do enunciado, o enunciador manifesta suas intenções e sua atitude de acordo com seu conhecimento de mundo.

Com relação à presença da subjetividade, afirmamos, com base em Narrog (2012), que modalidade e subjetividade estão diretamente relacionadas, já que o conceito de modalidade vem sempre acompanhado do conceito de subjetividade. Entretanto, salientamos que a modalidade não deve ser vista unicamente como atitude do enunciador ou meramente como subjetividade, pois assim não seria possível identificar uma categoria gramatical ou um conjunto de categorias. Em nossa análise de elementos modais, partimos do princípio de que a modalidade é uma propriedade dentro da situação comunicativa, o que confirma o caráter partilhado e dinâmico da construção da significação, posição também defendida por Miranda (2005).

Considerando, então, a natureza avaliativa e a relação com a subjetividade, elementos que apontamos como essenciais para a caracterização da categoria da modalidade, julgamos lógico que ela seja analisada em contextos reais, em que a manifestação da subjetividade apareça de maneira bastante evidente, como ocorre nas obras de autoajuda que integram nosso corpus. Tal posicionamento teórico é compatível com uma abordagem de análise funcionalista, que ressalta a importância de se analisar os fatos linguísticos em situações reais de comunicação.

Conforme já apontado por Neves (2006), há muitas propostas de classificação das modalidades que seguem uma determinada perspectiva. No âmbito deste trabalho, optamos por adotar a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004),³ com a ressalva de que a modalidade não representa uma categoria semântica única e homogênea. Para o autor, as modalidades são classificadas a partir de dois critérios principais: o tipo de alvo de avaliação, ou seja, a parte do enunciado que é modalizada, e o domínio semântico de avaliação, isto é, a perspectiva a partir da qual a avaliação é feita. De acordo com o alvo de avaliação, a modalidade pode ser orientada para o participante, para o evento ou para a proposição.

3 A classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004) é a base para a classificação modal apresentada no modelo teórico funcionalista da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Segundo Hengeveld (2004, p. 1192-1193, tradução nossa), as modalidades orientadas para o participante⁴ afetam “a parte relacional do enunciado e dizem respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial desse evento”.⁵ As modalidades orientadas para o evento afetam “a descrição do evento contido no enunciado, isto é, a parte descritiva de um enunciado e referem-se à avaliação objetiva da realidade do evento” (HENGEVELD, 2004, p. 1193, tradução nossa).⁶ Esse tipo de modalidade descreve a existência de possibilidades e de obrigações gerais, sem que o falante tenha responsabilidade por tais avaliações. Por fim, as modalidades orientadas para a proposição afetam “o conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, a parte do discurso que representa o ponto de vista e as crenças do falante e relacionam-se com o grau de comprometimento do falante em relação à proposição” (HENGEVELD, 2004, p. 1193, tradução nossa).⁷ De acordo com o domínio semântico de avaliação, as modalidades são classificadas pelo autor em facultativa, deôntica, epistêmica, volitiva e evidencial.

A modalidade facultativa, que pode ser considerada como equivalente à modalidade dinâmica proposta por Palmer (1986), está relacionada às habilidades intrínsecas ou adquiridas.

A modalidade deôntica está relacionada com aquilo que é legalmente, socialmente ou moralmente permitido. Conforme Neves (1996, p. 172), a modalidade deôntica está condicionada por traços lexicais específicos ao enunciador ([+controle]), implicando “que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo”.

A modalidade volitiva está relacionada com aquilo que é desejável. Para Neves (2006), a modalidade volitiva relaciona-se à necessidade e à possibilidade dos desejos do falante, de modo que seja possível falar em possibilidade volitiva e necessidade volitiva.

4 O que Hengeveld (2004) chama de modalidade orientada para o participante corresponde ao que tem sido tradicionalmente chamado de modalidade orientada para o agente (PALMER, 1986; HEINE, 1995) ou ainda de modalidade orientada para o falante (NARROG, 2005). Segundo Hengeveld (2004), o termo *participante* torna-se mais adequado por ser mais neutro em relação ao termo *agente*, que se refere apenas a eventos dinâmicos controlados por um sujeito.

5 No original, “this type of modality affects the relational part of the utterance as expressed by a predicate and concerns the relation between (properties of) a participant in an event and the potential realization of that event” (HENGEVELD, 2004, p. 1192-1193).

6 No original, “This type of modality affects the event description contained within the utterance, i.e. the descriptive part of an utterance, and concerns the objective assessment of the actuality status of the event”. (HENGEVELD, 2004, p. 1193).

7 No original, “This type of modality affects the propositional content of an utterance, i.e. the part of the utterance representing the speaker’s views and beliefs, and concerns the specification of the degree of commitment of the speaker towards the proposition he is presenting” (HENGEVELD, 2004, p. 1193).

A modalidade epistêmica diz respeito ao que se conhece sobre o mundo real, caracterizando os eventos em termos de possibilidade ou de impossibilidade de sua ocorrência em vista do que é conhecido sobre o mundo. Skotarek (1996) relaciona a modalidade epistêmica ao mundo das convicções do enunciador, o qual, de seu próprio ponto de vista, avalia a declaração como certa ou incerta. Essa avaliação feita pelo enunciador se situa em um *continuum* que vai do incontestavelmente certo aos diferentes graus do possível, o que confirma a afirmação de Dall'Aglio-Hattner (1995, p. 92) de que "entre o certo e o possível, a adesão do falante varia numa progressão contínua". Sendo assim, a modalidade epistêmica expressa-se tanto por elementos que marcam a certeza e indicam um comprometimento mais forte, como por elementos que expressam dúvida e indicam um comprometimento mais fraco ou mesmo um descomprometimento por parte do enunciador com relação ao conteúdo asseverado.

Por fim, a modalidade evidencial está relacionada com a fonte da informação contida na sentença e ao modo como o enunciador conseguiu essa informação.

Os dois parâmetros relacionados – alvo de avaliação e domínio semântico de avaliação – oferecem dez possibilidades de classificação reconhecidas por Hengeveld (2004), sendo excluídas aquelas cujo domínio semântico, de acordo com a lógica, não tem possibilidade de ocorrer. Assim, temos: modalidade facultativa orientada para o participante e para o evento, modalidade deôntica orientada para o participante e para o evento, modalidade volitiva orientada para o participante, para o evento e para a proposição,⁸ modalidade epistêmica orientada para o evento e para a proposição e modalidade evidencial orientada para a proposição.

Em trabalhos posteriores (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD; HATTNER, 2015), a evidencialidade é tratada como uma categoria separada e não mais como um subtipo modal. Dessa forma, excluímos a evidencialidade dos tipos modais investigados, selecionando apenas elementos modalizadores facultativos, deônticos, volitivos e epistêmicos para, a partir deles, verificar quais combinações de modalizadores se mostraram mais relevantes no *corpus*.

Relação entre modalidade e autoajuda

Ao analisar o discurso da autoajuda voltado para finanças, com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, Brunelli (2004) buscou verificar o(s) tom(ns) que caracterizam esse discurso. O tom, conforme Maingueneau (2006), consiste em um ideal de entonação que marca qualquer tipo de posicionamento discursivo, o que vale tanto para as produções orais quanto para as escritas. No

8 A existência da modalidade volitiva orientada para a proposição nas línguas naturais é questionada pelo próprio autor e também por Olbertz e Gasparini Bastos (2013).

trabalho em questão, Brunelli (2004) verifica que esse tipo de discurso apresenta dois tons interligados: um tom de otimismo e um tom de convicção e certeza. A combinação desses tons reforça as teses defendidas pelo discurso de autoajuda e lhe aumenta o poder de persuasão. Para a autora, esses tons de otimismo e convicção do discurso de autoajuda estão diretamente relacionados ao perfil do “homem seguro, autoconfiante e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e que age em busca de seu próprio bem” (BRUNELLI, 2004, p. 141), sem se deixar abater ou mesmo se preocupar com as circunstâncias desfavoráveis ou negativas que eventualmente o circundem. Isso, ainda segundo a autora, está bem de acordo com a ideologia neoliberalista da pós-modernidade, uma das principais condições de produção do discurso de autoajuda. Esse tom aparece marcado textualmente por uma alta frequência de elementos modalizadores facultativos, relacionados à capacidade e à habilidade.

Outro estudo (UEDA, 2014), que investiga o discurso da autoajuda voltado para a terceira idade, revela, diferentemente, que o discurso de autoajuda dirigido a esse segmento é marcado por um tom claramente autoritário baseado no emprego predominante de elementos modalizadores deônticos, que expressam ordens, instruções e orientações de cunho geral, visando ações mais concretas, distanciando-se do discurso de autoajuda de natureza otimista, comumente dirigido a um público de leitores mais amplo (os adultos em geral).

Considerando que a análise de obras de autoajuda dirigidas a um segmento definido já se confirmou como um caminho pertinente para revelar aspectos específicos do discurso de autoajuda a partir de uma análise das modalidades, pretendemos dar continuidade a esse tipo de investigação, selecionando obras que se dirigem a outro público em particular e que carecem, ainda, de estudo mais específico, isto é, as obras dirigidas às mulheres. No próximo item, podemos verificar como o recorte selecionado é mesmo produtivo para um estudo das modalidades, assim como aconteceu nos casos anteriores.

Análise dos casos de coocorrência modal nas obras de autoajuda

A partir da definição do corpus, fizemos um levantamento de itens modalizadores de natureza lexical – verbos auxiliares e plenos, adjetivos em posição predicativa e advérbios – que ocorreram em contextos próximos, classificando-os de acordo com a proposta adotada. A análise dos dados nos permitiu selecionar duas estratégias modalizadoras para os casos de coocorrência modal:

- (i) Coocorrência de modais de um mesmo tipo (como, por exemplo, deôntico + deôntico);
- (ii) Coocorrência de modais de natureza semântica diferente (como, por exemplo, epistêmico + deôntico; volitivo + deôntico).

Para o primeiro caso, temos a ocorrência ilustrada em (01):

(01) Daqui a pouco vamos finalmente começar a traçar os planos para reatar o relacionamento, falar de tudo o que você *precisará* fazer e daquilo que *não poderá* fazer. (CASSIM, 2015, p. 31)⁹

No exemplo, vemos a coocorrência de dois elementos modalizadores de natureza deôntica – *precisar* e *não poder* –, o primeiro indicando necessidade e o segundo, proibição. A proximidade desses elementos reforça um caráter de autoridade que os textos de autoajuda podem apresentar. Trata-se de um enunciador que de algum modo mostra o poder que tem sobre o ouvinte/leitor. Observamos, aqui, um tom autoritário, reforçado pela junção da necessidade e da proibição.

Para o segundo caso, temos a ocorrência ilustrada em (02):

(02) E, pior, o isolamento *pode* se transformar em depressão e, *definitivamente*, você *não precisa* de mais uma questão para lidar. (CASSIM, 2015, p. 38)

Nesse caso, a ocorrência do verbo *poder* com valor epistêmico indica possibilidade e serve à expressão da dúvida. Na sequência, o advérbio modalizador *definitivamente*, também epistêmico, serve à expressão da certeza. Ao final, a negação do verbo modalizador deôntico *precisar* marca o caráter instrutivo e ao mesmo tempo autoritário. Verificamos, então, a passagem da dúvida à certeza, sinalizada por dois modalizadores epistêmicos e finalizada com uma ordem que reforça o tom de autoridade comumente expresso pela modalidade deôntica. A proximidade desses elementos revela o “deslizar” de uma modalidade a outra e a construção de um tom de convicção, que pode ser evidenciado por meio da seguinte paráfrase: “É possível que o isolamento se transforme em depressão, mas com certeza você não deve permitir que isso aconteça”.

Coocorrência de modais de um mesmo tipo

Considerando o primeiro grupo (coocorrência de modais de mesmo tipo), o levantamento de dados no corpus nos permitiu identificar as seguintes possibilidades de combinação:

Coocorrência de deônticos

(03) Uma mulher inteligente sabe que ela *não pode* e *não deve* nunca inverter o papel. (ALVES, 2011, p. 22)

⁹ Em todos os exemplos apresentados, destacamos em itálico os elementos que estão sendo analisados no texto.

(04) *Não podemos* ficar esperando que os outros nos tratem bem, nós é que *temos que* nos cuidar primeiro [...] (ABRÃO, 2009, p. 134)

Em (03), as formas negadas dos verbos *poder* e *dever* servem à expressão da modalidade deôntica e juntas tornam a ordem mais enfática. Em (04), a modalidade deôntica aparece reforçada pela combinação de *não podemos* e *temos que*. Observamos que o enunciado se inicia com uma proibição (*não podemos esperar*) para ser finalizado com uma necessidade deôntica (*temos que nos cuidar*). Em ambas as ocorrências, o tom de autoridade é reforçado pela repetição de modalizadores deônticos.

Em todas as obras investigadas, foi bastante expressiva a ocorrência de modalizadores deônticos com verbos no modo imperativo. Tradicionalmente, o modo imperativo consiste em uma modalidade de frase e está associado à imposição de obrigações por meio de ordens ou instruções que alguém deve cumprir. Assim, observamos que, nos dados analisados, nos casos em que a obrigação não veio expressa por meio de modalizadores deônticos, ela se deu de forma direta, por meio do próprio imperativo, reforçando o caráter instrutivo desses enunciados.

(05) Até onde você *deve* se revelar? *Não deponha* contra si mesma. Ele *não precisa* saber que você é insegura em relação às suas coxas ou que não sai com ninguém há sete meses. (ARGOV, 2009, p. 83)

(06) *Veja* o que você *precisa* mudar e como gostaria de ser – na aparência, na maneira de pensar e de agir. *Espelhe-se* em pessoas que admira, mas *seja* sempre você mesma. (CASSIM, 2015, p. 113)

Em (05), as formas verbais *deve* e (*não*) *precisa*, que expressam a necessidade deôntica, aparecem combinadas com uma forma imperativa (*não deponha*). Em (06), as formas imperativas afirmativas dos verbos *ver* (*veja*) e *espelhar-se* (*espelhe-se*) combinam-se com o verbo *precisar*, modalizador deôntico. A elevada frequência da combinação entre modalidade deôntica e imperativo serve como uma espécie de reforço do papel de orientação, ordem, aconselhamento, instrução que as obras de autoajuda dirigidas às mulheres parecem desempenhar.

Coocorrência de epistêmicos

(07) Olhar a página dele *pode* ser um desastre: *talvez* você já esteja menos emotiva, mas se encontrar qualquer rastro do que ele anda fazendo *pode* começar a sofrer de novo e voltar à estaca zero. (CASSIM, 2015, p. 73)

Nessa ocorrência, verifica-se a proximidade de três modalizadores epistêmicos que expressam dúvida: o auxiliar modal *poder*, em *pode ser um desastre*, o advérbio *talvez*,

que toma por escopo uma oração inteira, e novamente o auxiliar modal *poder*, em *pode começar a sofrer de novo*.

Inicialmente, pode parecer estranho um contexto com predomínio de modalizadores epistêmicos de dúvida, pois, como vimos até então, as obras de autoajuda em análise parecem privilegiar enunciados em que há expressão da certeza e da convicção, ainda que seja por meio da modalidade epistêmica, e, em determinados casos, expressão da autoridade, por meio da modalidade deôntica. Entretanto, os modalizadores epistêmicos de dúvida aparecem aqui para ilustrar uma situação hipotética, permitindo ao enunciador fazer simulações sobre situações que poderiam acontecer. Não se trata, portanto, de expressão da dúvida com relação ao que precisa ser feito para a conquista dos objetivos pessoais, razão de ser das obras de autoajuda. As dúvidas referem-se a situações imaginárias e não descaracterizam o tom de convicção normalmente esperado. A combinatória de vários modalizadores epistêmicos em um mesmo contexto pode também ser vista em (08):

(08) Voltando à sua vida hoje: você *deve* estar achando que ficar sem ele é o fim do mundo. *Deve* acordar perdida nos finais de semana, sem saber aonde ir e o que fazer; *talvez* não consiga trabalhar direito, pois só pensa em reconquistá-lo. (CASSIM, 2015, p. 34)

Novamente, nesse caso, verificamos que a expressão da dúvida, representada nas formas de *dever* e no advérbio *talvez*, não descaracteriza a postura de segurança esperada em enunciados de autoajuda, pois o emprego desses elementos ilustra situações problemáticas hipotéticas que as mulheres (leitoras) a quem as obras são dirigidas estão enfrentando ou podem vir a enfrentar.

Coocorrência de modais de tipos diferentes

Considerando o segundo grupo (coocorrência de modais de tipos diferentes), o levantamento de dados no corpus nos permitiu identificar as seguintes possibilidades de combinação:

Coocorrência de epistêmicos e deônticos

(09) Uma mulher inteligente sabe que... Se você está *realmente* a fim de se estabelecer num único lugar, *deveria* parar de frequentar tanto os aeroportos. (CARTER; SOKOL, 2006, p. 46)

Nessa ocorrência, a combinação do advérbio *realmente* (modalizador epistêmico de certeza) com o verbo *deveria* (modalizador deôntico) diz respeito a dois elementos modalizadores diferentes, porém associados numa mesma estratégia de reforço do comprometimento. O emprego de *realmente* expressa a convicção do que se deseja

(estabelecer-se num único lugar) e o emprego de *deveria* expressa a orientação (ou imposição) feita para que esse desejo seja conquistado.

Considerando o público-alvo das obras de autoajuda analisadas – as mulheres –, a combinação desses dois tipos de modalizadores parece reforçar um tipo de orientação geral presente nessas obras: “Se você, mulher, tem certeza dos seus planos [modalidade epistêmica], precisa obedecer algumas regras/cumprir algumas tarefas/comportar-se de determinada maneira [modalidade deôntica]”.

Coocorrência de volitivos e deônticos

(10) *Você não quer* que elas digam que você *precisa* ser mais paciente, ter forças ou que *deve* esquecê-lo. *Você quer* esperança, *quer* a resposta certa, *quer* a dica mágica sobre o que fazer para que ele apareça na sua porta pedindo desculpas e implorando para voltar, com um buquê de rosas vermelhas nas mãos. (CASSIM, 2015, p. 37)

Em (10), observamos a presença de modalizadores volitivos expressos pelo verbo *querer*, acompanhados de um *dever* e de um *precisar* que expressam necessidade deôntica. Aqui, a autoridade fica evidenciada na tentativa de controlar quais são os desejos e necessidades da mulher, participante e alvo da avaliação modal. Situação semelhante pode ser observada em (11):

(11) Antes de conhecer o que você *precisa* saber para ser considerada inteligente, você *precisa* escolher qual padrão de inteligência você *deseja* seguir. (ALVES, 2011, p. 19)

Nessa ocorrência, a expressão da necessidade deôntica por meio do verbo *precisar* aparece próxima à expressão da modalidade volitiva por meio de *desejar*.

As formas de expressão das modalidades volitiva e deôntica mostram que o enunciador ocupa claramente uma posição hierárquica superior, de controle, que precisa ser ouvido e obedecido. A suposta liberdade para que a mulher expresse livremente seu querer cede lugar à imposição desse mesmo querer (“Você não quer X, você quer Y”), como se o enunciador soubesse exatamente o que a mulher quer e necessita, mais do que ela mesma. Ao final, reafirma-se o tom de autoridade e de instrução geral e a ideia de que a mulher precisa atender seus desejos se transforma em uma ordem.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo investigar, qualitativamente, os efeitos de sentido provocados pela coocorrência de elementos modalizadores presentes em obras de autoajuda dirigidas a mulheres. Para tanto, partimos da classificação de modalidade

proposta por Hengeveld (2004), dentro de uma abordagem funcionalista de análise, que considera dados reais de língua.

A análise das obras selecionadas nos permitiu investigar duas possibilidades de coocorrência: modalizadores de um mesmo domínio semântico e modalizadores de domínios semânticos diferentes.

Para o primeiro caso, a combinatória de modais de um mesmo tipo contribui para reforçar o tom de certeza e de convicção comumente presente em obras de autoajuda de qualquer natureza. A dúvida, quando presente por meio de formas de modalidade epistêmica, não mostra insegurança ou descomprometimento do enunciador, mas serve unicamente para ilustrar situações imaginárias e hipotéticas, presentes em contextos narrativos. Não descaracteriza, portanto, o tom de convicção presente nas obras.

No caso específico das obras analisadas neste trabalho, dirigidas a mulheres, houve alta incidência de coocorrência de deônticos e de deônticos acompanhados de verbos no imperativo (afirmativo ou negativo), que mostram, além da convicção e da certeza, um tom de autoridade advindo do caráter instrutivo das orientações dadas às mulheres.

Para o segundo caso, a combinatória de modais de tipos diferentes confirma que a certeza e a convicção, bem como a autoridade predominam em praticamente todos os contextos. O tom de autoridade pode até aparecer “disfarçado” ou atenuado pela combinação com outros modalizadores, mas prevalece no final (“Se você quer realizar seus sonhos, me escute”). Ou seja, a associação dos modalizadores deônticos (que marcam o que deve e que o precisa ser feito) com outros tipos de modalizadores, como o volitivo, por exemplo, que marcam o desejo de alcançar algo, tem sempre um caráter prescritivo, de instrução e de orientação, mesmo quando parece estar atenuado.

Os casos de expressão do desejo – modalidade volitiva – convertem-se, na verdade, numa imposição de orientações e instruções que substituem o próprio desejo, como se o enunciador dissesse “Escute-me, pois sei o que é melhor para você”, ou ainda, “Escute-me, pois sei o que você deseja mais do que você mesma”. Dessa forma, qualquer que seja a combinatória de elementos modais, o valor deôntico sobressai frente aos demais valores.

Os dados analisados confirmam que a modalidade é mesmo um caminho produtivo para revelar aspectos específicos de qualquer amostra linguística e desempenha, nas obras de autoajuda, papel importante para a identificação dos tons que caracterizam esse tipo de discurso. No caso específico das obras dirigidas a mulheres, a coocorrência modal evidenciou efeitos de sentido que surgem justamente da combinatória desses elementos, revelando ora um tom de certeza ora um tom de autoridade.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, S. *Abaixo a mulher capacho*. Barueri: Manole, 2009.

ALVES, A. *O que eu preciso saber: para ser uma mulher poderosa*. São Paulo: Editoria Lio, 2011.

BLANCO, S. *Mulher inteligente valoriza o dinheiro, pensa no futuro e investe*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CARTER, S.; SOKOL, J. *O que toda mulher inteligente deve saber: como lidar com os homens com sabedoria e conseguir o amor que você merece*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CASSIM, P. *Como reconquistar seu ex: entenda o que deu errado na relação, dê a volta por cima e recupere seu grande amor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

FRANKEL, L. P. *Mulheres boazinhas não enriquecem*. São Paulo: Editora Gente, 2006.

HEINE, B. Agent oriented vs. epistemic modality: Some observations on German modals. *In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 17-53.

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. *In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. *In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

HENGEVELD, K.; HATTNER, M. M D. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Cenas de enunciação*. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da interação. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005. p. 171-195.

NARROG, H. Modality, mood, and change of modal meanings: a new perspective. *Cognitive linguistics*, v. 16, n. 4, p. 677-731, 2005.

NARROG, H. *Modality, subjectivity and semantic change: a cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford UP, 2012.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-195.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 152-221.

OLBERTZ, H.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.). *Casebook in Functional Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 277-300.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.

SKOTAREK, B. Categoría de la modalidad en español. *Studia Romanica Posnaniensia*, v. 21, p. 91-114, 1996.

UEDA, M. C. B. *O ethos das obras de autoajuda para terceira idade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2014.